

Sociedade

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Futuro em risco

Pesquisa prevê alterações no Rio e em 13 cidades da América Latina, com impactos na saúde

RENATO GRANDELLE
renato.grandelle@oglobo.com.br

Além de elevar a temperatura, as alterações do clima vão colocar a saúde da população à prova. Na América Latina, ondas de calor podem aumentar a mortalidade de idosos nas próximas décadas. As precipitações multiplicariam a incidência de enfermidades transmitidas por vetores, como malária e leishmaniose, inclusive em metrópoles onde já haviam sido erradicadas. A dengue, um mal comum nos meses mais quentes, teria casos registrados durante o ano inteiro. As localidades sem chuvas, por sua vez, registrariam uma quantidade preocupante de doenças cardiorespiratórias e asma. O alerta é da Rede de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Urbanas, um órgão internacional que instalou ontem, na Fiocruz, no Rio, a sua sede latino-americana. Os dados fazem parte de um relatório que será divulgado em dezembro, na Conferência do Clima em Paris.

A Rede mapeou como as mudanças climáticas devem alterar o cenário de cem cidades no mundo. Seu diagnóstico é que a temperatura global pode subir de 1 a 4 graus Celsius. O índice de precipitação pode variar radicalmente, com aumento de até 25% ou redução de aproximadamente 20%, dependendo do centro urbano.

CLIMA MAIS QUENTE NO RIO

Uma das 14 cidades latino-americanas já analisadas pelos pesquisadores, o Rio pode registrar um aumento de até 3,4 graus Celsius em sua temperatura média nos próximos 65 anos. Em 2080, o nível do mar pode crescer entre 37 e 82 centímetros. A variação de precipitações ainda é enigmática — pode diminuir 4% ou aumentar 6%.

— É tarde demais para eliminar completamente os efeitos das mudanças climáticas. O que podemos fazer é diminuir sua magnitude — pondera a americana Cynthia Rosenzweig, uma das diretoras globais da Rede. — Todas as cidades estão sob estado crítico, cada uma à sua maneira. A intensidade das ondas de calor é um dos principais problemas, especialmente se considerarmos os seus efeitos sobre o organismo dos idosos, a população mais vulnerável.

José Marengo, pesquisador do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), admite que o governo federal precisa investir em um programa de monitoramento de estresse térmico.

De acordo com o especialista, acreditava-se que, como o Brasil é um país tropical, as maiores catástrofes seriam ligadas ao excesso de chuvas ou à escassez, mas não a prolongados períodos com temperaturas acima da média.

— É provável que o aumento das temperaturas registrado pelo estudo seja ainda mais agravado em metrópoles como Rio e São Paulo, considerando o crescimento destas cidades e a devastação de biomas como a Mata Atlântica.

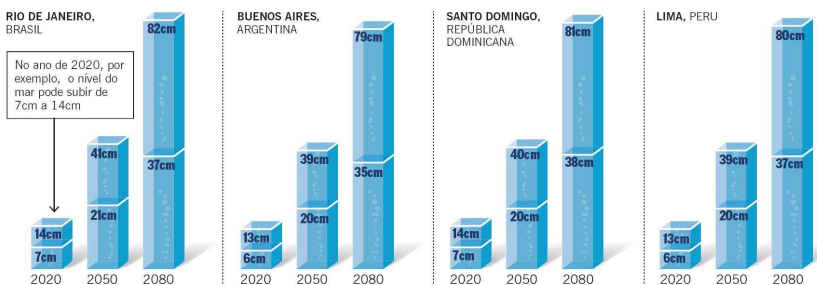
Outro desafio às autoridades será o ressurgimento de enfermidades em regiões onde já estavam "extintas".

— A malária, que é comum na Amazônia, pode aparecer novamente em cidades do Centro-Sul do país — revela. — O governo precisa investir em controle sanitário para limitar este movimento. Mesmo doenças conhecidas pela po-

PANORAMA DA REGIÃO

PROGRAMA INTERNACIONAL FAZ PROJEÇÕES SOBRE OS MAIORES DESAFIOS ENFRENTADOS POR ALGUMAS CIDADES

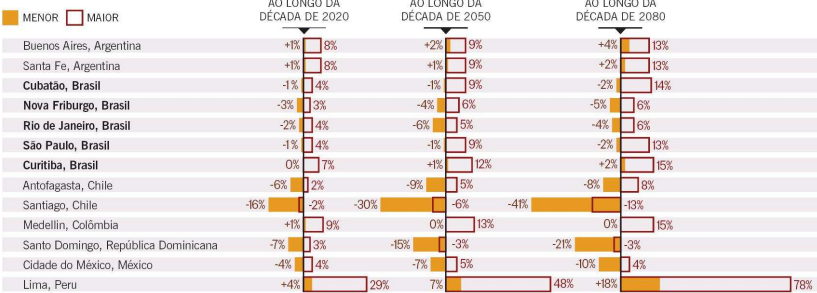
FAIXAS DE AUMENTO DO NÍVEL DO MAR (Ao longo das décadas)



FAIXAS DE AUMENTO DA TEMPERATURA



VARIAÇÕES DE PRECIPITAÇÃO



Fonte: Rede de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Urbanas

Editoria de Arte

pulação urbana podem aumentar de intensidade. As enchentes e o aumento da temperatura favorecerão a ocorrência de leishmaniose, uma enfermidade hoje restrita às regiões mais pobres, e farão do inseto *Aedes aegypti* uma figurinha ainda mais carimbada nas cidades.

Presidente do Instituto Pereira Passos, que cuida do planejamento urbano do Rio, Sérgio Besserman já costuma o aumento da presença do *Aedes*.

— Antigamente só víamos o inseto entre novembro e março. Agora, ele está na cidade entre setembro e abril. Em breve, poderemos encontrá-lo o ano inteiro, porque haverá temperaturas propícias

para sua proliferação até no inverno — avalia o economista. — Temos pela frente a junção de um megafenômeno El Niño com a projeção de que este será o ano mais quente da História. O verão será totalmente imprevisível, algo sem registros em nossa História.

Besserman assegura que a cidade está se preparando para os estragos que as mudanças climáticas poderão provocar a longo prazo. A revitalização da Zona Portuária, por exemplo, foi concebida de forma a tolerar a elevação do nível do mar calculada até meados deste século.

No entanto, as cidades não conseguirão evitar totalmente os eventos climá-

cos extremos. Por isso, Martha Barata, pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz e coordenadora do Núcleo da Rede na América Latina, considera que o risco iminente — ou mesmo os danos após as catástrofes — pode levar a doenças como depressão e estresse. Estas enfermidades têm um impacto direto na economia, porque diminuem, por exemplo, o número de dias de trabalho.

— Precisamos de políticas públicas voltadas para a redução do impacto do clima na população. Outros setores, porém, também devem ser engajados, como o de transportes e da construção civil, para criarmos prédios mais arejados — diz ela. ●

Efeito estufa ameaça cadeia alimentar marinha

Segundo estudo, pesca predatória e poluição também causam danos

Um estudo da Universidade de Adelaide, na Austrália, publicado na revista "Proceedings", da Academia Nacional de Ciências dos EUA, mostra que as emissões de gases do efeito estufa estão destruindo as cadeias alimentares marinhas. Pesca predatória e poluição nos oceanos também são responsáveis pelo dano. De acordo com a pesquisa, ecossistemas importantes podem ser extremamente prejudicados até 2050.

A destruição da cadeia alimentar seria fruto do aumento da temperatura dos oceanos, mas também do crescimento do índice de acidez das águas, características ocasionadas pela emissão de gases danosos e pela poluição dos mares. O estudo levou em conta 632 experimentos publicados sobre o tema, que analisaram desde águas tropicais até o Ártico.

— Há mais comida para pequenos herbívoros, como peixes, caracóis do mar e camarões, mas o aquecimento tem reduzido a taxa de crescimento destes animais. E menos presas disponíveis significa menos oportunidade para os carnívoros. É um efeito cascata na cadeia alimentar — explica o professor Ivan Nagelkerken.

COMPORTAMENTO ALTERADO

Os pesquisadores destacam que já é possível observar os impactos do aquecimento global e da acidificação dos oceanos no comportamento dos animais marinhos. Além disso, os cientistas alertam que os danos na cadeia alimentar podem prejudicar famílias que vivem em regiões costeiras e dependem dos recursos do mar.

— Os efeitos estão acontecendo agora e serão agravados nos próximos 50 ou cem anos. Já estamos vendo coisas estranhas, como a invasão de águas temperadas por espécies de águas tropicais no sudeste da Austrália — alerta Nagelkerken. — No entanto, se reduzirmos fatores extras, como a sobrepesca e a poluição, podemos dar uma melhor chance de adaptação das espécies às mudanças climáticas. ●